

Elementos para uma espiritualidade trinitária do ‘Segredo’

“Eu nunca te deixarei.
O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio
e o caminho que te conduzirá a Deus”
(*Mem. II*, 67)

1. Algumas considerações hermenêuticas prévias

O Congresso internacional de Fátima realizado em 1997 permitiu um estudo aprofundado, segundo uma metodologia interdisciplinar, da mensagem de Fátima, tendo tomado como referência fundamental as memórias de Lúcia e a documentação crítica até então publicada. As comunicações do Congresso, cujas Actas já estão publicadas¹, permitiram verificar, do ponto de vista crítico, a credibilidade dos acontecimentos, cujo acesso foi mediado pelo testemunho dos videntes, especialmente a Irmã Lúcia, através dos seus escritos e sobretudo as suas Memórias.

Uma coisa pôde verificar-se como síntese de tudo o que foi dito: que o conteúdo da mensagem de Fátima é de uma extrema simplicidade e quase aridez, de acordo, aliás, com a psicologia dos videntes, simples crianças, e até com a envolveria geográfica, a

¹ Cf. ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE FÁTIMA, *Fenomenologia e Teologia das Aparições* (Santuário de Fátima 1998). Entretanto já foi publicado o segundo volume da documentação crítica de Fátima relativa ao processo canónico diocesano entre 1922 e 1930. Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930) (Santuário de Fátima 1999).

nudez da serra de Aire. Não é possível, por conseguinte, procurar e, portanto, encontrar nos testemunhos escritos que constituem a património documental dos acontecimentos de Fátima, uma teologia ou uma espiritualidade, no sentido de uma reflexão sistemática sobre o que possa constituir o núcleo essencial da vivência cristã. O que aí se encontra são elementos, de extrema simplicidade, numa linguagem que se aproxima do género literário da profecia e da apocalíptica bíblica, desde as aparições do Anjo em 1916 até às de Nossa Senhora, de Maio a Outubro de 1917, e que constituem como que o eco da mensagem evangélica da conversão e da mudança de vida, centrada no convite à oração e na disponibilidade para o sacrifício, como forma de reparação pelo pecado do mundo.

Na comunicação de 1997, ocupei-me pela primeira vez expressamente do conteúdo teológico do 'Segredo'², tendo verificado que o Segredo constitui um conceito mais vasto do que geralmente se pensa, e que, por conseguinte, se não restringe àquelas três partes agora conhecidas, e que foram objecto de tanta especulação ao longo da história de Fátima, até à revelação da terceira parte do Segredo, em Maio deste ano 2000, cujo texto oficial, acompanhado do comentário do Cardeal J. Ratzinger, foi mais tarde publicado pela Congregação da Doutrina da Fé³. O 'Segredo' diz todo o conjunto da vivência espiritual dos videntes, assumindo em Lúcia a forma de um certo 'silêncio' ou reserva ou mesmo impossibilidade de dizer o inefável da experiência do sobrenatural de que foram envolvidos, e que tem a ver com a experiência do 'reflexo de luz', linguagem simbólica e mística que traduz a intensa atmosfera do sobrenatural na qual os pastorinhos foram envolvidos, e que, para o Francisco, foi especialmente como que um imersão mística no mistério da Santíssima Trindade, em cuja luz eles se viam reflectidos como num espelho.

O núcleo essencial do 'mistério' de Fátima, do seu 'Segredo' reside precisamente nesta atmosfera sobrenatural de vivência inefável do mistério da Santíssima Trindade, que se manifesta, mesmo velando-se, na intensa luz que irradia das mãos de Nossa Senhora,

² Cf. JOSÉ JACINTO FARIAS, *O conteúdo teológico do 'Segredo' nas 'Memórias' de Lúcia*, in ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE FÁTIMA, *Fenomenologia e Teologia das Aparições* (9-12 de Outubro de 1997) (Santuário de Fátima 1998) 775-793. O mesmo estudo foi também publicado na Revista *Didaskalia*: cf. JOSÉ JACINTO FARIAS, *O conteúdo teológico do 'Segredo' nas 'Memórias' de Lúcia*, in *Didaskalia* 1(1998) 99-122.

³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* (Lisboa: Paulinas 2000).

e é nessa Luz que é Deus que eles se vêem reflectidos como num espelho, e é nessa luz da intensidade da santidade e da glória divina, que pelas mãos de Nossa Senhora passa, que lhes é revelado o 'Segredo', entendido no sentido clássico que o conceito assume na tradição de Fátima, cujas três partes finalmente são totalmente conhecidas: a visão do inferno, no sentido do risco do fracasso absoluto da história na acepção da escatologia cristã, a devoção ao Imaculado Coração de Maria, como 'meio' para 'escapar' pessoal e historicamente ao fracasso do sentido da vida, e, finalmente, a pré-visão das tragédias históricas ao longo do séc. XX, a multidão de mártires, da Igreja e da humanidade em geral, que constitui a trajectória deste séc. XX, agora a terminar, sem dúvida o mais sangrento século da história da humanidade, onde a perversão e o mistério da iniquidade atingiram as suas formas mais dramáticas, envolvendo também a figura do bispo branco, que o Santo Padre interpretou como referindo-se a si, depois do atentado de que foi vítima, na praça de S. Pedro, no dia 13 de Maio de 1981⁴.

O 'Segredo' de Fátima, na plenitude do seu sentido, envolve, por conseguinte, estes três temas: em primeiro lugar, a vivência da sobrenatural no pressentimento da presença do mistério da Santíssima Trindade, e este é, na minha leitura, o aspecto mais importante; em segundo lugar, a presença do mistério de Nossa Senhora, pela qual o pressentimento da santíssima Trindade como que passa, pois é das suas mãos que irradia a luz intensa na qual os pastorinhos 'vêem' a trajectória da perdição e da salvação da humanidade no seu todo; e, em terceiro lugar, e como consequência, uma mensagem de penitência ou convite à mudança de vida, especialmente acentuada, na mensagem do Anjo, já em 1916, e nas palavras do anjo que repete três vezes o apelo da Penitência, na terceira parte do 'Segredo', num clima que se abre para a perspectiva final da salvação, uma vez que a última palavra sobre o sentido escatológico da história pertence a Deus, vitória que se traduz também e especialmente no contexto da mensagem de Fátima, em termos mariológicos, pois, no fim, acontecerá o triunfo do seu Imaculado Coração.

Não se pode deixar fora de consideração que Portugal está envolvido contextualmente no motivo do 'Segredo', pois que se diz, pelo menos numa das versões das Memórias de Lúcia, que em

⁴ Toda a documentação relativa a esta tema foi publicada pela Congregação para a Doutrina da Fé, no texto acima referido.

Portugal se manterá sempre o dogma da fé⁵. O que isso possa representar para nós portugueses, é muito difícil de se dizer, pois, se esta expressão não for criticamente utilizada, pode abrir o campo para obsoletas leituras messiânicas ou sebastianistas da história do futuro⁶, para um certo revivalismo lusitano, que já não entra culturalmente no nosso universo de reflexão, sobretudo se tivermos em conta as tragédias históricas que este tema provocou, mesmo no séc. XX, não só em termos de um certo conservadorismo nacionalista fechado aos tempos modernos, mas sobretudo pelo abuso e perversão de que este tema foi objecto especialmente no mais diabólico sistema que deste tema se serviu como foi o nacional socialismo alemão do assim dito 'dritte Reich'.

Não é hoje cultural e politicamente correcto usar-se ou falar-se deste tema. No entanto ele está lá, e talvez seja interessante sobre ele reflectir-se, pois, ao menos no que nos diz respeito, ele só pode vir a ter um sentido religioso ou até profético-missionário, porquanto, para outros temas ou utilizações possíveis, Portugal não desempenha absolutamente nenhum papel, nem sequer do ponto de vista estratégico, no plano da comunidade internacional.

Além disso, o estado cultural da humanidade em geral e de Portugal em particular, nesta era da globalização e da pós-moderna e decadentista crise generalizada de valores e de referências em que se vive, a envolvimento de Portugal no 'Segredo', no sentido sugerido, não passa, para quem dele ouse falar, de um tema residual de uma quase utópica esperança de sobrevivência espiritual no naufrágio geral a que a humanidade no seu todo está condenada perante a imponência totalitária da globalização sem retorno do sistema capitalista neo-liberal, do lucro como fim absoluto ao qual o homem pós-moderno se entrega⁷.

Mas se nós tivermos em conta a pregnância espiritual e a fecundidade mística e pastoral dos temas nucleares do Segredo, com a sua componente sacrificial, mesmo no sentido representativo de uns que se oferecem pelos outros, aliada a uma profunda vivência

⁵ "Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé, etc. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo": *Mem.* IV, 167.

⁶ Cf. ANTÓNIO VIEIRA, *História do Futuro* (Introdução, actualização do texto e notas por Maia Leonor Carvalho Buescu) (Lisboa: INCM 1982).

⁷ Cf. JOSÉ JACINTO FARIAS, *A Teologia como memória crítico-profética na era da globalização*, in *Didaskalia* 2 (1999) 131-133.

eucarística, indiciada, numa linguagem simbólica pelo Anjo (a comunhão aos pastorinhos) e a oração trinitária e eucarística por ele ensinada⁸, então não podemos deixar de pensar e mesmo de desejar que esta espiritualidade trinitária, eucarística e sacrificial, na envolvimento da sua expressão mariana, que corresponde, aliás, à tradição espiritual de Portugal, esta terra de Santa Maria, como assim foi definida desta o início da nacionalidade, no já longínquo séc. XII, que teve na devoção à imaculada um dos seus elementos espirituais mais fortes, venha a impregnar o modo de ser e de estar português no mundo, e a luz que de Fátima irradia projecte sentido para uma sociedade que aparentemente se afasta culturalmente destas referências fundamentais.

Poderia objectar-se, como fazem alguns críticos, que este pensador mariano da idiosincracia espiritual do nosso povo tenha as suas raízes não na mariologia da dogmática cristã, mas numa certa cristianização dos temas religiosos pré-cristãos deste extremo da península ibérica, cultos pré-cristãos que estariam presentes no subconsciente religioso deste povo⁹. O que desta tese se pode retirar,

⁸ Oração do Anjo de Portugal: "Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos. Peço-vos perdão, pelos que não crêem, não adoram, não esperam e não vos amam"; "Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, (adoro-Vos profundamente e) ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores": *Mem.* II, 62-63. Seria muito útil para a reflexão teológica trinitária e eucarística na espiritualidade de Fátima dispormos de um estudo de crítica textual destas duas orações que penetraram, entretanto, tão profundamente na espiritualidade cristã em Portugal que é muito difícil, se não mesmo quase impossível, uma distanciação crítica, porque a espontânea recepção na vivência espiritual dos cristãos em Portugal, a todos os níveis, que testemunham o bom senso do povo de Deus, é de si mesma uma razão teológica fundamental para a avaliação da sua correcção dogmática, de tal modo é a sua evidência que questioná-la se afigura insensato. Um estudo de crítica textual destas belíssimas orações poderia ajudar a reflexão teológica, mas isso ultrapassa para já os domínios da minha competência. O que se pode dizer, do ponto de vista teológico, é que estas duas orações contêm em si mesmas, em forma doxológica digamos para-litúrgica, uma síntese admirável de todo o mistério cristão. Um estudo precioso, do ponto de vista sistemática, da teologia eucarística na mensagem de Fátima foi feito, no Congresso de 1997, pelo meu prezado colega e amigo: ANTÓNIO DOS SANTOS MARTO, *A dimensão eucarística na Mensagem de Fátima*, in ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE FÁTIMA, *Fenomenologia e Teologia das Aparições* (9-12 de Outubro de 1997)(Santuário de Fátima 1998) 629-646.

⁹ Esta tese é insinuada por autores como: J. LEITE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia* (3 vols.) (Lisboa: Imprensa Nacional 1897 I; 1905 II; 1913 III); DALILA L.

do ponto de vista teológico, é que esse fundo religioso pré-cristão poderá ter desempenhado um papel digamos assim predispositivo, segundo, aliás, o pensamento patrístico que via na alma humana uma estrutura metafísica essencialmente cristã: 'anima naturaliter christiana'¹⁰. Esses resíduos pré-cristãos não se pode negar que estejam presentes de um modo talvez inconsciente nas manifestações festivas do catolicismo, que, do meu ponto de vista, não deverão ser consideradas como pertencentes à assim dita 'religiosidade popular', que se distinguiria de uma vivência digamos assim mais pura do cristianismo de 'restos' mais fiéis, de uma certa aristocracia do espírito, em movimentos de renovação ou em laboratórios do pensamento no que concerne à definição do que seja radicalmente cristão, na pura fidelidade à letra e ao espírito do Evangelho. O que está aqui presente é a Igreja mesma em festa, a Igreja em peregrinação, como pôde este ano mais uma vez e de um modo sublime celebrar-se na grande peregrinação de 13 de Maio de 2000, presidida por Sua Santidade o Papa João Paulo II.

Isto para dizer que a verdade teológica, na sua concretude histórica, não está ligada a aristocracias ou a experiências laboratoriais, porque se nem na física é possível encontrar-se o estado da natureza quimicamente puro, muito menos na experiência religiosa é possível identificar-se ou isolar-se o espiritualmente puro, porque isso contradiz, aliás, a dinâmica do mistério da Encarnação.

Toda a experiência religiosa há-de procurar verificar a sua credibilidade a partir da referência fundamental ao Evangelho, ou ao testemunho que o Evangelho medeia, na medida em que, nas suas formas plurais, eles representam as 'memórias' dos Apóstolos acerca do que viveram na sua relação com Cristo. A teologia cristã, desde as suas origens, é uma hermenêutica do testemunho, dado que a experiência originária do mistério dado escatologicamente em Cristo não pode fazer-se nunca de um modo imediato, mas através do testemunho das gerações passadas, testemunho que se consubstancia de um modo paradigmática nas Escrituras, tal como elas foram recebidas na Igreja, na constituição do cânon e da regra da fé, segundo o testemunho apostólico.

PEREIRA DA COSTA, *Da Serpente à Imaculada* (Porto: Lello & Irmão 1984). Mas é expressamente defendida por: MOISÉS ESPÍRITO SANTO, *A Religião popular portuguesa* (Lisboa: Assírio & Alvim 1990); ID., *Origens do cristianismo português* (Lisboa: ISER/UNL 1993).

¹⁰ TERTULIANO, *Apol.* 17,6.

Esta questão hermenêutica constituiu o horizonte científico do Congresso de 1997, e trabalhos notáveis provaram a credibilidade do testemunho dos pastorinhos, sobretudo da Irmã Lúcia nas suas Memórias, que são a fonte principal para o estudo teológico do mistério e do Segredo de Fátima, credibilidade essa que agora foi solenemente reconhecida pela mais alta autoridade da Igreja, ao beatificar os pastorinhos Jacinta e Francisco.

2. A pedagogia ou economia do 'silêncio'

No trabalho de 1997 já ficara impressionado por um tema, que aqui gostaria de voltar a mencionar, pois que é essencial para a compreensão do que aqui procuramos tratar, e que tem a ver com o próprio 'silêncio' da Irmã Lúcia ou a profunda discrição no que diz respeito à questão nuclear do mistério de Fátima (e isto contra a sua propensão muito feminina para falar, como testemunham os que a conhecem mais de perto), como a insinuar que o fenómeno de Fátima, nas aparições e depois delas, por si mesmo se impunha, mesmo que os videntes pouco disso falassem. Há, em Fátima, o que poderia designar-se como uma "economia do silêncio". De facto, nas suas memórias, no que diz respeito à mensagem e à questão de fundo, pouco se diz; Lúcia ocupa-se muito com a história dos seus primos, dos seus pais, sobretudo da transformação de vida que neles se operou depois da vivência do Segredo, de serem envolvidos na atmosfera do sobrenatural, naquela luz intensa que era Deus-Trindade e na qual se reconheciam como se fosse num espelho.

No trabalho de 1997, sobre este tema, falava da relação entre 'Segredo' e 'mistério', utilizando estes conceitos teológico-espirituais na acepção de uma experiência íntima de natureza espiritual, ou seja, que toca o fundo último da pessoa na sua ultimidade metafísica, a 'última solidão' (Duns Escoto), o fundo último da alma de que falavam os místicos renanos medievais (M. Eckhart) onde se pode pressentir, para falarmos numa linguagem analógica, uma última faúlha da alma, um fundo obscuro de luminosidade aonde só Deus tem acesso... Podemos dizer, reportando-nos mais a uma experiência da fenomenologia, que nas vivências últimas e fundamentais do humano existir, no que seja a vida, o amor, o ódio, a felicidade, etc., a linguagem recolhe-se em silêncio na sua impotência e finitude para dizer as experiências ou vivências-limite, que na sua

apofaticidade, na sua negatividade expressiva, se reconduzem ao silêncio de um nada poder explicar, mas só mostrar a mudança, a alteração de comportamento, cuja origem, porém, se encontra nesse mistério, nesse Segredo inefável e insondável.

Ora é isto precisamente que surpreende e faz pensar e que pela primeira vez me apercebi em 1997, de um silêncio e de um Segredo que não tem a ver com um fechar-se em si mesmo, como, digamos assim numa linguagem muito banal, com um amuar, o silêncio da incomunicabilidade sepulcral do vazio, que infelizmente, sobretudo nesta fase pós-moderna e decadentista da história, caracteriza e permeia muitas relações humanas. Não, o silêncio e a 'economia do silêncio' em Fátima é da ordem espiritual do excesso do sentido, da intensidade das vivências que são conceptualmente intraduzíveis, sendo este excesso de sentido que atraiu e atrai as multidões, desde 1917 para cá.

Segundo o testemunho da própria Lúcia, e este testemunho é credível como foi demonstrado no Congresso de 1997 e nos posteriores acontecimentos em Fátima, no dia 13 de Maio de 2000, ela tinha muita dificuldade em traduzir verbalmente o que vivencia ou vivenciou, e mesmo de escrever. Foi sobretudo por obediência que procurou traduzir por escrito o que se passou em 1917, e que o fez não segundo o suceder da memória, mas como que movida também por uma espécie de assistência espiritual iluminante, que impedia, como ela testemunha, que aquilo que ela escreve nas memórias seja a projecção da sua imaginação e não a tradução pobre do excesso das vivências espirituais que, por si mesmas, são incomunicáveis. Veja-se este texto sugestivo das Memórias: "Se, por vezes, a própria imaginação ou entendimento me sugere alguma coisa, sinto logo que lhe falta a unção divina e suspendo até conhecer, no íntimo da minha alma, o que Deus quer dizer em seu lugar" ¹¹.

Este é um dos aspectos mais surpreendentes na leitura das Memórias, que mostra como elas são do género das 'confissões', mesmo na linha de Santo Agostinho e de grandes místicos do passado, Santa Tereza de Ávila, por exemplo. As 'Memórias', tal como as 'Confissões' ou a 'História de uma alma' (Santa Teresinha de Lisieux), não são propriamente uma auto-biografia, mas sim uma radiografia espiritual da itinerância mística dos videntes, a partir da aparição do Anjo e da Senhora mais brilhante que o sol.

¹¹ *Memórias*, IV, 119.

As 'Memórias' são a evocação, interiorizada e aprofundada com o tempo, daquelas coisas espirituais que se não esquecem, porque profundamente gravadas na alma dos videntes pela intensa luz que das aparições irradia. A respeito do Anjo, Lúcia recorda que era como "... um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal e de uma grande beleza" ¹².

A mística e simbólica da luz aparece igualmente na descrição da aparição de Nossa Senhora, a Senhora mais brilhante que o sol, sendo que esta experiência da luz é adensada no que Lúcia designa como a "experiência do reflexo", que irradiava das suas mãos e lhes penetrava no peito e que lhes revelava a profundidade do seu ser em Deus, de um modo ainda mais diáfano que no melhor dos espelhos: "Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos" ¹³.

Nestes dois momentos, a aparição do anjo e a descrição da aparição de Nossa Senhora e da experiência do reflexo, encontramos a origem do Segredo, da paciência e da pedagogia do silêncio, que ela nos descreve em três momentos das suas Memórias.

No início da Terceira Memória, de 1941, Lúcia explica porque só então pode explicar o que é o "Segredo", mesmo se não na totalidade, como que reportando-se a uma autorização divina: "O que é o Segredo? Parece-me que o posso dizer, pois que do céu tenho já licença" ¹⁴.

Na mesma Memória Lúcia explica ao Senhor Bispo a razão do seu silêncio: "Pode ser, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo, que a alguém pareça que eu devia ter manifestado todas estas coisas há mais tempo, porque, a seu parecer, teriam, há alguns anos antes, dobrado valor. Assim seria, se Deus tivesse querido apresentar-me ao mundo como profeta. Mas creio que tal não foi o intento de Deus, ao manifestar-me todas estas coisas. Se assim fosse, penso que, quando, em 1917, me mandou calar, a qual ordem foi confirmada por meio dos que O representavam, ter-me-ia mandado falar" ¹⁵.

¹² *Memórias*, II, 61.

¹³ *Memórias*, IV, 158.

¹⁴ *Memórias*, III, 103.

¹⁵ *Memórias*, III, 111.

Para a hermenêutica da mística e da espiritualidade de Fátima esta passagem reveste-se de grande importância, na medida em que a ordem 'divina' do silêncio não é então entendida como provinda directamente de uma revelação celeste, mas mediada pelas autoridades eclesásticas que impuseram silêncio à vidente, o que se insere naquela prudência eclesial de permitir que, no processo de maturação interior das experiências espirituais, seja possível, pela distanciação do tempo, ver melhor e com mais clareza.

Esta pedagogia do silêncio ou paciência do silêncio é impossível e incompreensível para o homem contemporâneo, nesta fase pós-moderna, decadentista e mediática da cultura da globalização e da compressão da experiência na sua concentração extesiaca do instante...¹⁶. Na pós-moderna e globalizada sociedade da informação e da realidade virtual o que seja importante é o que se antecipa, na especulativa e jornalística previsão do que hipoteticamente possa acontecer, de tal modo que o que acontece já não é notícia... Na pseudo-cultura da realidade virtual, esta paciência do silêncio é não só incompreensível como insuportável.

O terceiro lugar onde Lúcia explica o seu silêncio permite-nos avançar um pouco mais no sentido teológico deste tema, e que se afigura mais denso de sentido. E fá-lo no contexto da sua explicação do efeito diferenciado que as aparições do Anjo e de Nossa Senhora provocavam nos Videntes. Enquanto as Aparições do Anjo provocavam um certo aniquilamento quase físico, uma dificuldade em falar, as Aparições de Nossa Senhora, pelo contrário, tinham como efeito "um certo entusiasmo comunicativo", que no entanto era também acompanhado de uma reserva, a "inspiração para calar"¹⁷.

Este calar, como se sabe, tinha, na altura dos acontecimentos de 1917 e da redacção das Memórias, uma relação directa com a terceira parte do Segredo, quando ela escreve: "Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé, etc. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo"¹⁸.

Esta questão está obviamente ultrapassada, desde que o Santo Padre tomou a decisão de publicar o texto da terceira parte do Segredo neste ano. Mas, pelo que agora conhecemos e a que já nos

¹⁶ Veja-se, sobre este tema, as reflexões sobre a percepção do tempo na pós-modernidade, no meu ensaio sobre a globalização e a teologia: JOSÉ JACINTO FARIAS, *Teologia como Memória crítico-profética* 134-146.

¹⁷ *Memórias*, IV, 154.

¹⁸ *Memórias*, IV, 167.

referimos mais atrás, confirma-se o que acaba de referir-se, e que já tínhamos exposto no Congresso de 1997, sobre a economia do silêncio, sobre a paciência do silêncio do mistério de Fátima. De facto, a terceira parte do Segredo confirma e complementa as primeiras duas partes, na medida em que se centra nos 'infernos' da história que marcaram e continuam a marcar a trajectória dos acontecimentos sociais e políticos, culturais e também religiosos, ao longo deste sangrento séc. XX. E também complementa e permite compreender o inciso sobre Portugal, e a sua dimensão digamos assim profética e missionária, e isto no contexto paradoxal de assistirmos, mesmo em Portugal, mas sobretudo em grandes regiões do universo planetário da Igreja católica, a uma problemática desertificação interior, podendo prever-se o esmorecer gradual e mesmo o desaparecimento da fé em grandes regiões tradicionalmente cristãs e católicas, ou mesmo crentes, como está acontecendo no mundo ocidental.

Gostaria de me deter um pouco mais neste ponto, no sentido de tentar compreender melhor as possíveis e futuras implicações teológicas, pastorais e missionárias para a Igreja em Portugal, no contexto agora do pleno conhecimento do Segredo de Fátima, porque, que eu saiba, este tema não tem sido muito reflectido entre nós.

A questão de fundo, que, obviamente, extravaza a compreensão dos pastorinhos em 1917 e mesmo da Irmã Lúcia na época da redacção das Memórias, pelo menos em termos de consciência temática dos problemas, é com certeza o processo de secularização global da sociedade em geral, como consequência da progressiva racionalização decorrente do iluminismo no séc. XVIII, adensado com a revolução científica e industrial no séc. XIX, que pressupõe uma visão técnico-científica e histórica da realidade no seu todo, com enormes consequências para a religião e o cristianismo em geral e para o catolicismo em particular, um pouco por todo o mundo ocidental e também em Portugal.

As 'elites' intelectuais no séc. XIX em Portugal, muito marcadas pelos desenvolvimentos culturais da sociedade francesa, revolucionária e jacobina, impregnaram um modo de ser e de estar onde se acentuou o divórcio entre a cultura e o catolicismo em Portugal, sucessivamente empobrecido e quase dizimado, pela expulsão das ordens religiosas, que detinham grande parte da formação média e superior da sociedade portuguesa, desde o Marquês de Pombal até ao advento da República, no início do séc. XX.

Apesar destes ataques sistemáticos ao cristianismo em geral e ao catolicismo em Portugal, – e aqui convém evocar, até pela sua actualidade, a tese digamos assim ‘teológica’ que caracterizava ideológica e programaticamente a geração de ’70 e formulada por Antero de Quental no seu célebre texto sobre ‘As Causas da decadência dos Povos peninsulares’, tese segundo a qual seria necessário superar o catolicismo, considerado como a causa principal do atraso cultural de Portugal, e o regresso ao neo-cristianismo evangélico e social¹⁹ – a Igreja sobreviveu e a sua história nos séculos XIX e XX é sem dúvida a narração, a muitos títulos admirável, dos sucessivos recomeços a partir do zero. E o mesmo se diga da sobrevivência da Igreja às perseguições do comunismo soviético e internacional. A Igreja não só sobreviveu, mas pôde assistir à sua implosão, não por razões religiosas, se bem que estas não sejam de todo sem interesse de averiguar (e, sem dúvida que em todo este processo da crise e do fim dos sistemas político-económicos do socialismo real ligados à União Soviética, desempenhou um papel fundamental o Santo Padre João Paulo II, que ficará sem dúvida na história como uma das suas maiores figuras universais), mas sobretudo por razões económicas: a força do comunismo, a economia, foi a razão do seu fracasso.

Mas a situação mudou de configuração, no mundo ocidental cristão e católico, depois da segunda guerra mundial, que assistiu a um desenvolvimento paradoxal: o progresso económico e social de generalizada racionalização da sociedade foi acompanhado de uma

¹⁹ Vejamos a formulação da tese de Antero de Quental sobre a necessária superação do catolicismo, como forma de realizar um programa de restituir Portugal a si mesmo, de apertuguesá-lo e de lhe restituir o seu lugar perdido no mundo: ‘O cristianismo’, proclama o poeta, ‘é sobretudo um *sentimento*: o catolicismo é sobretudo uma *instituição*. Um vive da fé e da inspiração: o outro do dogma e da disciplina. Toda a história religiosa, até ao meado do séc. XVI, não é mais do que a transformação do *sentimento cristão* na *instituição católica*’ *Causas da decadência dos Povos peninsulares*, in *Textos Doutrinários e Correspondência I* (Lisboa: Círculo de Leitores 1987) 193. ‘Quem pode hoje negar’, pergunta Antero, ‘que é em grande parte à Reforma que os povos reformados devem os progressos morais que os colocaram naturalmente à frente da civilização? Contraste significativo, que nos apresenta hoje o mundo! As nações mais inteligentes, mais moralizadas, mais pacíficas e mais industriosas são exactamente aquelas que seguiram a revolução religiosa do séc. XVI: Alemanha, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, Suíça! As mais decadentes são exactamente as mais católicas! Com a Reforma estaríamos hoje à altura dessas nações; estaríamos livres, prósperos, inteligentes, morais... mas Roma teria caído!’: *As Causas da decadência dos povos peninsulares*, 196.

progressiva secularização da sociedade, de tal modo que o tema da 'morte de Deus', no sentido do seu desaparecimento da sociedade, polarizou as atenções dos intelectuais ao longo destas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos sessenta, primeiro quase como questão académica e, depois, como quase verificação prática, da sua total ausência e esquecimento da sociedade. Uma crise epocal sem precedentes é aquela que envolve a sociedade ocidental depois da segunda guerra mundial, que atingiu muito fortemente a Igreja católica, sobretudo depois da grande renovação operada pelo Concílio Vaticano II. A hipótese da desertificação da fé no mundo ocidental levantada nos anos sessenta tornou-se, no final do séc. XX, uma tese quase verificada, como pode observar-se na Europa central e na América do Norte de um modo mais evidente, e mesmo concretamente entre nós.

Neste contexto, aqui apenas aludido, sem outros desenvolvimentos, que poderiam ser confirmados por análises sociológicas e estatísticas, torna-se surpreendente como no 'Segredo' já se aluda ou simbolicamente insinua esta quase generalizada apostasia ou desertificação da fé, e que poderíamos considerar não apenas do ponto de vista especificamente eclesial, mas também cristão e religioso em geral.

É que agora, sobretudo neste final do séc. XX, o ataque à religião, ao cristianismo em geral e ao catolicismo em particular, no mundo ocidental em geral e mesmo em Portugal, já não se faz pela via da perseguição directa, como aconteceu ainda ao longo deste século, mas pela via da asfixia espiritual de uma sociedade seduzida pela economia liberal do consumo como fim absoluto. E neste contexto, é de prever uma crise generalizada do sentido religioso e cristão da sociedade em geral muito mais grave e avassalador do que a crise do catolicismo em particular.

Apesar de uma certa moda no que respeita às místicas orientais, sobretudo em camadas mais intelectuais no ocidente e mesmo entre nós, é de prever que no futuro estas religiões mundiais passem por uma profunda crise, dado que, mesmo o islão, não têm um instrumentário crítico-analítico para que possam resistir à força quase irresistível da universal racionalização da sociedade. E mesmo o cristianismo, quer na forma das diversas igrejas surgidas da Reforma, quer na tradição ortodoxa, terão muita dificuldade em conviver com o processo da global racionalização da sociedade, (processo que é irreversível e com o qual temos de nos habituar a conviver), quase pelas mesmas razões, ou seja, um deficiente instru-

mentário crítico-analítico, mas também pela sua tendência particular em se identificarem com a sociedade e com o mundo, no qual estão inseridos. Poderia dizer-se que, no cristianismo evangélico, está inscrita uma certa 'mundanização'.

Neste contexto crítico-problemático, perfilam-se enormes desafios para o catolicismo no futuro, também no sentido de constituir um suporte sócio-cultural para as grandes tradições religiosas e cristãs da humanidade, e que há-de imprimir uma outra dimensão ao diálogo ecuménico e inter-religioso, em virtude da sua história, da necessária e intrínseca relação da teologia católica com a filosofia e com as ciências. De facto, a alegada colisão no plano da teologia católica entre teologia e ciência e filosofia é mais aparente e virtual do que real. Mas o mesmo não acontece na tradição da Reforma e em parte da Oriental, onde a teologia quase se desinteressou da ciência e da filosofia, abandonando estas a si mesmas. O caso mais radical é o da teologia dialéctica, de K. Barth, mas que já encontra precedentes no passado, por exemplo em Tertuliano que perguntava: que tem Atenas a ver com Jerusalém? Na teologia católica nunca foi assim: a teologia e a filosofia, a teologia e a ciência, mesmo se distintas quanto aos seus métodos e pressupostos hermenêuticos, têm em comum o mesmo objecto, e têm necessariamente de trabalhar em conjunto, de tal modo que, em virtude deste compromisso e desta tensão, o progresso é mais lento, mas mais seguro²⁰.

Neste contexto, adquire um outro alcance, mesmo de natureza cultural, o diálogo ecuménico da e com a Igreja católica. Embora esta tese seja difícil de demonstrar, penso ou pelo menos intuo que a possibilidade de sobrevivência das grandes religiões da humanidade e das tradições cristãs que se encontram fora da comunhão com a Igreja católica passa pela sua relação com ela, na medida em que ela é a instância que as pode sustentar, mesmo na sua identidade e alteridade. Porque na pós-modernidade e na globalização da sociedade elas terão muita dificuldade em resistir, mesmo o islamismo, a grande distância, apesar da sua actual enorme

²⁰ Neste sentido é notável o impulso de recíproca colaboração entre a teologia e a filosofia, entre a razão e a fé, na encíclica de João Paulo II, 'Fides et Ratio': JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica 'Fides et Ratio' aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações entre a Fé e a Razão* (14.09.98) (Lisboa: Paulinas1998). Sobre este assunto, veja-se o nosso estudo sobre a Teologia e a globalização, onde tecemos algumas considerações a este respeito: JOSÉ JACINTO FARIAS, *Teologia como Memória crítico-profética*, 150-162.

expansão e dos diversos fundamentalismos, porque o individualismo ético e religioso característico das sociedades industriais desenvolvidas já na fase do pós-liberalismo e da pós-industrialização, é explorado oportuna e estrategicamente pelas grandes potências mundiais, que já não coincidem com os Estados convencionais, que se servem das seitas para fragilizar a Igreja Católica, sobretudo onde ela ainda é forte, como é no assim chamado terceiro mundo ou nos espaços latinos da catolicidade. E o caso português não é exceção, como se sabe.

O actual estado de alguma estagnação do desenvolvimento das seitas estou convencido que se prende também com o 'mistério' de Fátima, autêntico centro espiritual de respiração do catolicismo em Portugal, precisamente por aquilo que o constitui nos seus alicerces: uma profunda vivência do mistério do sobrenatural e do mistério da Trindade, por um lado, e, por outro, da componente cristológica e mariológica do mistério, onde o Imaculado Coração de Maria e o Coração de Jesus se encontram intimamente unidos. Naturalmente que há ainda dois aspectos nucleares no catolicismo e que se encontram quer na mensagem de Fátima quer na práxis pastoral do santuário, e que se impuseram por si mesmos, e que são os seguintes: o sentido de uma espiritualidade eucarística, que se encontra na mensagem do Anjo, o Anjo de Portugal, na adoração eucarística trinitária da oração de prostração e do silêncio que o Anjo ensinou aos pastorinhos, e que profundamente marcou os beatos Jacinta e Francisco, por um lado, e, por outro, o sentido da oração e do sacrifício reparador, da oração e do sacrifício, em representação e em substituição pelos outros, que é um núcleo essencial do paradoxo cristão e que se encontra profundamente enraizado na espiritualidade e na prática de Fátima: aí sofre-se e reza-se pelos outros. Mas este último aspecto deixo aqui apenas enunciado, porque hei-de tratá-lo, de um modo mais desenvolvido e sistemático, no próximo Congresso de Maio 2001, que se ocupará precisamente do tema do sacrifício, em perspectiva ecuménica, porque é, na verdade, a questão incontornável do fenómeno religioso em geral e do cristianismo em particular, fenómeno realmente paradoxal e até escandaloso, nesta fase crepuscular e decadentista da civilização ocidental e do processo de global racionalização da realidade que não sabe lidar com os paradoxos e as contradições da existência enquanto tal.

Este longo parênteses era absolutamente necessário, para tomarmos consciência das possíveis implicações epocais e culturais da envolvimento de Portugal no Segredo e de que em Portugal se

manterá sempre o dogma da fé. O desenvolvimento recente e espontâneo de Fátima, coroado com os acontecimentos deste ano 2000, faz pensar, e o teólogo, sobretudo quando tem sensibilidade e responsabilidades pastorais que não apenas as estritamente académicas, tem a obrigação de reflectir sobre este tema.

Esta leitura teológica do conteúdo do Segredo, no qual se encontram elementos de uma leitura profética e mesmo apocalíptica da história, no sentido das simbólicas que medeiam a percepção do 'para onde' do desenvolvimento dos acontecimentos no seu todo considerados, não representa de modo nenhum perda de serenidade ou de esperança ou qualquer visão pessimista da história ou da realidade actual, porque isso também não se encontra na vivência dos pastorinhos, tal como a Irmã Lúcia o recorda. De facto, os efeitos das aparições nos Videntes, mesmo da de Julho na qual Nossa Senhora mostra aos pastorinhos a visão do Inferno, e revela aquela parte do Segredo que só agora nos foi dada a conhecer, não são nem de trauma, de medo ou de pavor, mas sim de paz e de alegria. Comparando com as do Anjo, diz Lúcia: "Não sei porquê, as aparições de Nossa Senhora produziam em nós efeitos bem diferentes. A mesma alegria íntima, a mesma paz e felicidade, mas, em vez desse abatimento físico, uma certa agilidade expansiva; em vez desse aniquilamento na Divina presença, um exultar de alegria; em vez dessa dificuldade no falar, um certo entusiasmo comunicativo" ²¹.

Extremamente expressiva, neste contexto, é a reacção do Francisco à visão do Inferno, em comparação com a da Jacinta. Ao contrário de Jacinta, Francisco não se deixou impressionar. Recorda Lúcia: "Na terceira aparição, o Francisco pareceu ser o que menos se impressionou com a vista do Inferno, embora lhe causasse também uma sensação bastante grande. O que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma" ²², e isto talvez, se não mesmo certamente, porque a própria visão do Inferno, da possibilidade e da realidade da perdição em termos históricos e escatológicos e da sua superação, como agora é possível ver-se do conhecimento da terceira parte, ser ela mesmo possível no reflexo de Luz, pois é neste reflexo ou por este reflexo que o mistério da salvação e/ou da per-

²¹ *Memórias*, IV, 154.

²² *Memórias*, IV, 128.

dição é revelado: "O reflexo pareceu penetrar a terra e vimos como que um mar de fogo"²³.

O "silêncio" de Lúcia, a pedagogia e a "economia" do silêncio que marca a história do Segredo de Fátima tem a ver com o progressivo amadurecimento do mistério e explica também porque só agora o Santo Padre decidiu dar a conhecer a terceira parte, depois de tantos anos de silêncio, que deu azo a enormes e intermináveis especulações. Não posso esquecer a reacção de uma religiosa no final da minha comunicação no Congresso de 1997, que estava indignadíssima comigo por não ter dado a conhecer a terceira parte, como se eu a conhecesse e como se isso influenciasse em alguma coisa o evoluir dos acontecimentos. O Segredo tem a ver com o mistério, com o inefável, ele pertence ao campo da teologia apofática, e foi esta a surpreendente experiência mística do beato Francisco.

²³ *Memórias*, IV, 163. É surpreendente que a revelação do Inferno seja feita através do reflexo da Luz que é Deus. Estamos aqui no âmbito da experiência mística traduzida deste modo, pois é a proximidade de Deus que proporciona o presentimento do que representa a perdição como radical afastamento; assim como a escuridão só é possível entender-se no horizonte da experiência da Luz, também só quem faz a experiência do Mistério de Deus pode captar o que representa perder-se. O Inferno só se intui se se pressente o que seja o Paraíso. A legitimidade desta interpretação é-nos oferecida por João Paulo II na sua encíclica sobre o Espírito Santo – "Dominum et Vivificantem" de 18 de Maio de 1986. Depois de, na primeira parte, apresentar uma síntese admirável da teologia trinitária do Espírito Santo, consagra a segunda e a terceira precisamente ao discernimento do mistério do pecado e da tensão entre a carne e o Espírito, discernimento que é possibilitado precisamente pelo Mistério do Espírito Santo no qual se revela não só a profundidade inefável do Mistério de Deus e do Homem que n'Ele se reflecte, mas também do fundo abissal do pecado e da iniquidade que só percebe quem presente a voz do Espírito no seu ser: "Diante do mistério do pecado, é preciso perscrutar 'as profundezas de Deus' até onde for possível. Não basta perscrutar a consciência humana, como mistério íntimo do homem; mas é imprescindível penetrar no mistério íntimo de Deus, naquelas 'profundezas de Deus' que se resumem na síntese: 'ao Pai – no Filho – por meio do Espírito Santo'. É exactamente o Espírito Santo que as 'perscruta'; e a elas vai buscar a resposta de Deus ao pecado do homem. Com essa resposta encerra-se o processo de 'convencer quanto ao pecado', como o acontecimento do Pentecostes põe em evidência": DV 32; "Graças à comunicação divina, o espírito humano que 'conhece os Segredos do homem' encontra-se com o 'Espírito que perscruta as profundezas do próprio Deus' (1Cor 2,10-11). E neste Espírito, que é o Dom eterno, Deus uno e trino abre-se ao homem, ao espírito humano. O sopro recôndito do Espírito divino faz com que o espírito humano, por sua vez se abra, diante de Deus que se abre para ele, com desígnio salvífico e santificante": DV 58.

3. O conteúdo trinitário do 'Segredo': a experiência mística do beato Francisco

Nas celebrações de Fátima nos dias 12/13 de Maio deste ano 2000 estive sempre emocionadíssimo, desde a vigília (a chegada do Santo Padre) até à homilia da celebração eucarística presidida pelo Santo Padre, quando à emoção sucedeu uma enorme paz e silêncio interior. É que, de facto, o Santo Padre na sua homilia toca precisamente dois pontos nucleares, para os quais eu já chamara a atenção na minha comunicação de 1997: que o Segredo é a vivência do mistério trinitário, e que constitui a experiência mística do menino beato Francisco; que a espiritualidade do sacrifício e da oração reparadora de uns pelos outros, dos justos e dos inocentes pelos outros, é um dos outros núcleos essenciais do Segredo, e esta foi especialmente a experiência mística da menina beata Jacinta, que sentiu tão profundamente e sofreu e se ofereceu pelo Santo Padre, que aparece na terceira parte, como, aliás julgo que com razão, o Santo Padre refere a si. Vou deixar de parte esta vivência do mistério que caracteriza especialmente a Jacinta, para a comunicação do próximo Congresso de Maio 2001, para me debruçar sobre a vivência trinitária do menino beato Francisco, que profundamente me tem tocado desde que tomei consciência mais clara e profunda de tudo isto. É que aqui reside o Segredo, a razão do seu mistério, a força de atracção e o futuro do mistério que em Fátima se presente. E será por esta via que a partir de Fátima há-de irradiar para o mundo, como fermento, um novo respiro para Portugal e para a humanidade, nesta era de asfixia espiritual, de crepúsculo e de decadência da civilização e da cultura do ocidente.

O conteúdo teológico-trinitário do 'Segredo', confiado aos pastorinhos na aparição de 13 de Julho de 1917, envolve, nas suas três partes agora totalmente conhecidas, uma componente escatológica (a visão do Inferno), uma componente mariológica (o Coração Imaculado de Maria como caminho para Deus) e uma componente profética, digamos assim, de leitura da história (a trajectória da história do martírio da humanidade ao longo do séc. XX, e que constitui o núcleo essencial da terceira parte).

As primeiras duas partes do Segredo, as únicas conhecidas até 13 de Maio de 2000, são extremamente importantes, e já apontavam para a centralidade mariológica do Segredo, que a terceira parte confirma, ou seja, a consagração ao Imaculado Coração de Maria

como caminho ou mediação para o encontro com Deus – ‘Eu serei o teu conforto e o caminho que te há-de conduzir a Deus’, diz Nossa Senhora a Lúcia –, como condição para superar as situações infernais, históricas (terceira parte do Segredo) e escatológicas (primeira parte do Segredo), que ameaçam a humanidade ou que já nela estão presentes: onde estiver o Coração Imaculado de Maria, que é caminho para Deus, não há Inferno, nem histórico nem escatológico. Como se vê, a terceira parte do Segredo completa a primeira e diz a relação que se dá entre história e escatologia, o que corresponde perfeitamente à tradição dogmática da Igreja e ao paradoxal positivismo cristão segundo o qual a escatologia irrompe no coração da história em virtude da lógica do mistério da encarnação. A história, nas suas luzes e nas suas sombras, aparece como horizonte epifânico da eternidade.

E aqui tocamos também a questão mariológica fundamental ou seja o lugar da Virgem Maria na economia da salvação. Se, como dissemos no princípio, não é possível encontrar-se na mensagem de Fátima uma espiritualidade ou uma teologia mística sistemática, do mesmo modo também não podemos nela encontrar uma mariologia. Mas na fórmula que já aqui indicamos – ‘o Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus’²⁴ – está contida, em forma axiomática, toda a mariologia, ou seja, a Virgem Maria como caminho, como via, como ponto de passagem para Deus, que, no contexto da aparição, é o mistério da Santíssima Trindade. A Virgem Maria surge assim como lugar de irradiação do mistério da Santíssima Trindade, tal como assim sempre foi desde a sua Imaculada Conceição, e ela significativamente aparece aqui sob a linguagem da ‘imaculada’ (o Imaculado Coração), passando pela anunciação, pelo mistério do nascimento do Senhor e sua apresentação ao mundo, pelas bodas de Caná – ‘fazei o que Ele vos disser’ (Jo 2,5) – até à cruz e ao pentecostes, em que ela está com a comunidade nascente no acolhimento do Espírito Santo. Das suas ‘memórias’, do seu silêncio meditativo e interiorizante nós temos o conhecimento do evangelho da Infância, do mistério do Menino que é o Verbo de Deus incarnado, que Ela acolheu no seu seio, O deus à luz e agora, no tempo da Igreja, de muitos modos, também esse em Fátima, continua a indicar pelas suas mãos das quais irradia a luz que é o Mistério da Santíssima Trindade.

²⁴ *Memórias*, II, 67.

Na simbólica do mistério de Fátima a mais forte é a da Luz. Ela mesma é a Senhora mais brilhante que o Sol. Percebe-se que a simbólica da Luz evoca a presença do mistério da Santíssima Trindade, aquela intensa atmosfera do sobrenatural que impressionava os pastorinhos, desde a aparição do Anjo até às de Nossa Senhora, sobretudo a de 13 de Julho de 1917. O foco trinitário do mistério de Fátima é o mais importante. O outro foco é naturalmente cristológico, mas sob a simbólica incarnacional do Coração, seja o Coração de Cristo seja o imaculado Coração de Maria. E é nesta componente cristológica e mariológica, os corações de Jesus e de Maria, que evocam toda a espiritualidade da encarnação tão fortemente acentuada no séc. XIX, também como correcção, ao nível da espiritualidade, do racionalismo abstracto na teologia e na cultura, do positivismo das ciências e da crise de humanidade nas ideologias totalitárias e predadoras que se originaram sobretudo no séc. XIX, mas cujas consequências devastadoras, ao nível planetário, só no séc. XX é que se fizeram sentir, destes temas trinitários, cristológicos e marianos é que se deduz ou se infere toda a dimensão soteriológica do mistério de Fátima e da participação neste mistério, não dos fortes e dos grandes deste mundo, com os quais o Senhor se não identifica, mas dos simples e dos humildes, aqueles que acolhem a mensagem do Reino como crianças: e crianças eram os pastorinhos; tenras crianças os agora beatificados, Francisco e Jacinta.

Por outras palavras, o conteúdo teológico do Segredo de Fátima (e tomamos agora o conceito na sua mais alargada acepção) consiste nesta dimensão trinitária, cristológica, soteriológica e mariológica, e precisamente nesta sequência, de tal modo que a componente ética e a participação activa, primeiro dos pastorinhos e depois de todo o movimento, sempre mais intenso que para Fátima convergiu e de Fátima se originou, tem aqui a sua origem: na profunda, intensa e inefável experiência do sobrenatural, do sagrado. Este é essencialmente o Segredo de Fátima, e foi isto precisamente que caracterizou a mística do menino beato Francisco, como, aliás, o Santo Padre o proclamou na sua homilia da celebração da beatificação.

O Segredo de Fátima é a evocação, hoje sempre mais escutada, de empreender um caminho de conversão que conduza para Deus e que afaste, por conseguinte (porque se trata precisamente de uma direcção oposta) dos caminhos infernais da história e da escatologia.

Os meios para percorrer o caminho que conduz a Deus, caminho que por excelência, na economia do Segredo, passa incontornavelmente pelo Imaculado Coração de Maria, os primeiros Sábados,

a recitação do Terço, a conversão, a penitência, o sacrifício..., tudo isto releva de um sadio realismo e de sensibilidade pedagógica orientada para quem acolha o mistério na quase infantil simplicidade evangélica: o caminho para Deus, que é o Coração Imaculado de Maria, é o caminho da abnegação, do sacrifício em reparação e em lugar dos outros, é o caminho da Cruz. Este é, afinal, o "Segredo" paradoxal da existência e da santidade cristã, e aqui está a síntese de toda a revelação, que quem quer que seja pode entender: os simples, na sua simplicidade; e os eruditos, diríamos, os teólogos, poderão pressentir e depois reflectir e teorizar sobre o 'excesso de sentido' que dá que pensar e que aqui está latente.

Neste sentido, podemos dizer que o Segredo, mesmo depois de revelado, como agora é o caso, continua a ser 'Segredo', mistério, excesso que só um olhar de fé, que diz silencioso acolhimento do amor na simplicidade de quem se deixa envolver, poderá entender, pois, os que estão de fora, tal como no evangelho do mistério do Reino (cf. Mc 4,11), nada verão de especial, e mesmo até sentirão desencanto e desilusão!...

O Segredo, na sua acepção aqui entendida como mistério, aponta para o risco, para o sempre mais, o inesgotável, porque excessivo, para o risco da liberdade, porque a mensagem continua em aberto, a seduzir para a aventura no caminho que conduza a Deus, ao coração de Deus e ao coração do homem enquanto tal.

Na lógica imanente das Memórias, o "Segredo" tem a ver com a virtude da Esperança, a virtude dos caminheiros, dos peregrinos do Futuro imperfeito da liberdade a construir-se.

O que acaba de dizer-se não é mais, aliás, do que o comentário à experiência mística do beato Francisco, tal como Lúcia nos refere nas suas Memórias, a respeito do modo como os pastorinhos interiorizaram a experiência do reflexo.

Referindo-se ao Francisco, Lúcia recorda: "Por vezes dizia: Esta gente fica tão contente só por a gente lhe dizer que Nossa Senhora mandou rezar o terço e que aprendesses a ler! O que seria, se soubessem o que Ela nos mostrou em Deus, no seu Imaculado Coração, nessa luz tão grande! Mas isso é Segredo, não se lhes diz. É melhor que ninguém o saiba. Desde esta aparição, começamos a dizer, quando nos perguntavam se Nossa Senhora nos não tinha dito mais nada: - Sim, disse, mas é Segredo!"²⁵

²⁵ *Memórias*, IV, 127.

Por aqui se vê que o conteúdo do Segredo não se esgota no seu aspecto gnoseológico, mas contém em si mesmo uma componente teo-ontológica, pois isso tem a ver com a profundidade inefável do mistério de Deus, que no reflexo da Luz os Videntes como que captam, entendem sem palavras e são nele mergulhados. Porque essa luz que a Senhora lhes colocou no peito, essa luz é Deus²⁶: “O que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma”²⁷.

Esta luz que irradia da Senhora, que se revela como caminho para Deus, é o lugar onde os Videntes se reconhecem: “Gostei muito de ver Nosso Senhor. Mas gostei mais de O ver naquela luz onde nós estávamos também”²⁸.

Podemos então concluir que a espiritualidade do Segredo de Fátima tem a ver com esta presença divina na aparição, quer do Anjo quer sobretudo de Nossa Senhora, presença divina presentida no “reflexo” de Luz, que proporcionava uma vivência tão profunda do sobrenatural que eram incapazes de comunicar ou traduzir o que as Aparições representavam para eles... Um emudecer por excesso do sentido que reconduz a linguagem precisamente ao silêncio apofático perante o Mistério incomunicável. Escreve Lúcia: “A aparição de Nossa Senhora veio de novo a concentrar-nos no sobrenatural, mas mais suavemente: em vez daquele aniquilamento da Divina Presença, que prostrava, mesmo fisicamente, deixou-nos uma paz e alegria expansiva, que nos não impedia falar, em seguida, de quanto se tinha passado. No entanto, a respeito do reflexo que Nossa Senhora, com as mãos, nos tinha comunicado e de tudo que, com ele, se relacionava, sentíamos um não sei quê interior que nos movia a calar”²⁹.

4. A Virgem Maria na economia do Segredo

Esta leitura trinitária da espiritualidade do Segredo permite-nos captar a sua dimensão mais profunda, e compreender o alcance da mediação do Coração Imaculado de Maria, que consiste em ser

²⁶ Cf. *Memórias*, IV, 127.

²⁷ *Memórias*, IV, 128.

²⁸ *Memórias*, IV, 131.

²⁹ *Memórias*, IV, 124.

caminho para Deus, o caminho por onde o pecador passará para seguir na direcção contrária aos infernos da história e da escatologia. Esta mediação mariana do Mistério, e que pertence à essência do "Segredo", não é mais do que a explicitação da sua maternidade divina, pela qual ela apresenta ao mundo o seu Menino. Como Mãe de Deus ela continua na história a indicar para onde a humanidade há-de caminhar, um caminho e um percurso que passa por ela, e onde transparece o sentido eclesial do mistério de Maria. A Igreja, como mistério marial, e a Virgem Maria, como mistério eclesial – a figura eminente da Igreja, como ensina o Concílio³⁰ –, aparecem como caminho de encontro, de cruzamento de Deus com o homem, do Mistério da Santíssima Trindade, aquela Luz intensa que toca a intimidade da alma e na qual os Videntes, mas sobretudo o Francisco, se encontram reflectidos como no melhor dos espelhos.

Aqui está a surpresa do Segredo de Fátima, aquilo também que os videntes traduzem, que a Lúcia chama nas Memórias como a "profunda atmosfera do sobrenatural", nas aparições angélicas e nas aparições marianas.

O reflexo, a atmosfera do sobrenatural era tão intensa que representava quase um aniquilamento físico. Dizia o Francisco: "Gosto muito de ver o Anjo; mas o pior é que, depois, não somos capazes de nada. Eu nem andar podia, não sei o que tinha"³¹; "Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era..."; entretanto, "pouco a pouco, foi passando aquela atmosfera e, no dia 13 de Maio, brincávamos já quase com o mesmo gosto e com a mesma liberdade de espírito"³².

Esta intensa "atmosfera do sobrenatural", de aniquilamento com o Anjo, de alegria expansiva, com Nossa Senhora, é um dos aspectos mais surpreendentes nas Memórias e que representa um dos elementos tipificantes da vivência cristã: a alegria que decorre de um viver na percepção intensa da Presença. A Presença do Mistério nos Videntes aponta para o âmbito da experiência mística do êxtase, daquele esquecer-se em Deus, daquele despojamento total de si, como forma de se encontrar, e que é o ponto mais elevado da metafísica do amor: aquele perder-se para se encontrar; esquecer-se de si, como condição de amar. Ora é isto que vamos

³⁰ "... membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade": LG 53.

³¹ *Memórias*, IV, 123.

³² *Memórias*, IV, 124.

encontrar numa Memória de Lúcia a respeito do Francisco, nas vésperas da sua morte:

“Nas vésperas de morrer, disse-me:

– Olha, estou muito mal, já me falta pouco para ir para o céu.

– Então vê lá: não te esqueças de lá pedir muito por os pecadores, por o Santo Padre, por mim e pela Jacinta.

– Sim, eu peço. Mas olha: essas coisas pede-as à Jacinta, que eu tenho medo de me esquecer, quando vir Nosso Senhor! E depois antes O quero consolar”³³.

Se esta hermenêutica do “Segredo” é correcta, então na origem do fenómeno de Fátima não está um evento nem uma mensagem qualquer. Este aspecto da Mensagem é relativamente secundário, e, afinal, é um recordar, em novas circunstâncias, o sempre novo e sempre antigo da mensagem essencial do evangelho: a necessidade da conversão, da oração, do sacrifício, do caminho da Cruz como caminho de Vida para o Reino. Nisto, a Mensagem de Fátima é tão nova quanto antiga é a palavra do Evangelho. Mas o novo está justamente neste “Segredo”, neste pressentimento da Presença do Mistério, que transfigura, que aniquila e que arrebatava, que relança o homem para uma nova aventura e risco da liberdade, na reparação e na misericórdia, isto é, naquela atitude de simpática cordialidade, de quem, pela Luz do Mistério, se deixa abrir para a diáfana transparência do Amor e da Graça.

5. A componente profética e missionária do Segredo

A espiritualidade do Segredo de Fátima pode ser subsumida na categoria da profecia, quer no sentido de um infável pressentimento da Presença do Mistério, que explica a génese da vocação profética, quer no sentido de uma missão que daí decorre, e que passa por uma leitura dos acontecimentos da história numa chave essencialmente religiosa.

Efectivamente, no “Segredo”, nós encontramos elementos para uma leitura teológica da história. Nele encontra-se o eco da situação mundial da época, uma situação de crise decorrente da guerra, quer na época das Aparições, em 1917, a Primeira Grande Guerra Mundial, quer na época da redacção das Memórias, a

³³ *Memórias*, IV, 145.

segunda Guerra Mundial (1939-1945). Evidentemente que esta crise arrastava consigo todo o sentido da história e da iminência do seu fim. Neste contexto, o "Segredo" oferece elementos para uma leitura teológica da história: na perspectiva escatológica, pela denúncia profética do juízo, na sua possibilidade "real" de radical perdição (a visão do Inferno); e na perspectiva histórica, pela denúncia da situação de crise e das suas causas morais, o pecado, pela interpelação profética à conversão e à penitência, pelo anúncio da esperança da salvação, o que significa que, do ponto de vista da teologia da história, não há situações humanas aporéticas, por mais graves e dramáticas que o sejam (a terceira parte do Segredo).

A mensagem de esperança encontra-se na dupla promessa: a proclamação do triunfo do Imaculado Coração de Maria e a promessa de que em Portugal se manterá sempre o dogma da fé. E tudo isto no horizonte de uma consideração ética e religiosa do mundo, distante, por conseguinte, de políticos e outros jogos de influência, no pressuposto da fragilidade dos mediadores, pobres e rudes e ignorantes crianças, pastores numa serra árida e isolada do mundo, que perfila ainda mais a dimensão de transcendência do Mistério que aí se presente.

Mas do ponto de vista teológico, o que se me afigura mais importante, e que imprime conteúdo de profecia ou uma dimensão missionária ao Segredo, e que explica o seu desenvolvimento independentemente dos Videntes e de Lúcia mesma, pois ela afasta-se e retira-se para o convento, é a atmosfera do sobrenatural que no "reflexo" envolve os Videntes, o que poderia designar-se como a dimensão apofática do Segredo. Este pressentimento da Presença do Mistério Santo é o que há de mais profundo na experiência profética e é também o que há de mais "surpreendente" nas Memórias. "as aparições de Nossa Senhora não infundem medo ou temor, mas sim surpresa"³⁴, diz-nos Lúcia.

Essa "surpresa" da Presença do Sobrenatural, foi isso que desde o princípio atraiu as multidões de peregrinos à Cova da Iria, para serem igualmente envolvidos pela Luz que continua a irradiar das mãos da Senhora mais brilhante que o Sol. Hoje somos nós chamados a ser as mãos que medeiam a Luz e a bênção de Deus para o mundo, nesta fase crepuscular e decadentista da história. Mas, se o crepúsculo é também já pressentimento e aurora de outro

³⁴ *Memórias*, IV, 161.

dia, então o mistério do Segredo que em Fátima brilha é referência de esperança para um mundo novo que todos havemos de construir, a nova civilização da paz e do amor entre todos os povos. As multidões que em silêncio e oração se reúnem em Fátima nas grandes peregrinações – o admirável e impressionante silêncio de Fátima – são um fermento lançado no meio da massa, do mundo novo de esperança e de paz que já está aí em gestação, do mesmo modo que os dois milhões de jovens no encontro mundial da juventude em Roma em Agosto deste ano jubilar. Gestos simbólicos de esperança e de sempre novas razões de viver permitem-nos pensar a utopia do ‘futuro absoluto’ do ‘para onde’ escatológico da história que nas mãos de Deus repousa.

JOSÉ JACINTO FERREIRA DE FARIAS